

A democracia líquida brasileira e a luta da esquerda

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O artigo aborda a legitimação ideológica do reacionarismo autoritário próprio do dispositivo fascista que o golpismo temerário trouxe em seu bojo em nossa sociedade pós-democrática, pois não podemos reconhecer como democrática uma ordem sociopolítica pautada pela hegemonia de grupos empresariais que comandam a agenda política do governo nacional. Como projeto concreto de superação desse regime antidemocrático coloca-se a legitimidade incondicional das pautas políticas emancipatórias dos partidos de esquerda de modo a se estabelecer uma ruptura radical e inevitável em relação ao *modus operandi* temerário, obscurantista, corrupto e fisiologista.

Palavras-chave: Fascismo; Reacionarismo; Representatividade; Democracia; Esquerda.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e Coordenador do Curso de Administração da FACC-UFRJ.

A racionalidade econômica e tecnológica nada tem a ver com a racionalidade democrática. O Iluminismo engendrou a democracia, e é muito comum pensar que a economia acompanharia essa lógica democrática naturalmente, como que por encantamento. Ora, a democracia real e a justiça social exigem instituições específicas, que não são apenas as do mercado e também não podem ser reduzidas às instituições parlamentares e democráticas formais (PIKETTY, 2014, p. 413).



Introdução

Como contrapeso do legado golpista do governo temerário, necrófilo, fisiologista, antiprogressista e espoliador da coisa pública brasileira, vemos aflorar no cenário nacional novas segmentações do espírito fascista, ainda não erradicado de nossa estrutura sociocultural. Com efeito, a democratização sociopolítica brasileira é falha e acidentada, e assim cede terreno ao esterco fascista que fertiliza nas mentalidades embrutecidas a fé cega no ódio mítico como a força regeneradora da moral civilizacional no país. Apesar da credibilidade pública conquistada pela luta democrática de

muitos parlamentares de esquerda pela formação de uma sociedade mais igualitária e justa, o imaginário das massas é continuamente confundido pela contrapropaganda dos ativistas fascistas, que não hesitam em demonizar todas as pautas progressistas defendidas pela esquerda como totalitárias, ameaçadoras da “liberdade”, “comunistas”. A vida política brasileira necessita passar por uma crítica da razão ideológica. Partidos ditos republicanos são completamente alheios a esses princípios e se encontram repletos de fisiologistas e de pastores oportunistas, partidos ditos trabalhistas são pelegos defensores de causas patronais, partidos ditos seguidores da

democracia cristã são repletos de parlamentares fanáticos e legitimadores da tortura e da truculência, partidos ditos democráticos são comitês disfarçados de interesses plutocráticos, partidos progressistas que são conservadores, partidos sociais-democratas são defensores de medidas neoliberais. Esse descompasso entre nome e ação é um dos fatores primordiais da alienação política brasileira.

Conforme argumentaremos no decorrer desse texto, somente os partidos de esquerda, defensores dos ideais da emancipação humana perante toda forma de opressão sociopolítica, se encontram em condições de defender os princípios globais do progresso inclusivo e de ratificar uma gestão democrática que se enraíza na horizontalidade de uma potência política que nasce da solidariedade, da cooperação e do reconhecimento da dignidade humana para além de qualquer fundamentalismo monetarista ou teológico. Para que a democracia autêntica se vitalize e se desenvolva na sociedade brasileira é imprescindível que, primeiramente, o lodo fascista que perpassa nossa estruturação política seja compreendido e, assim, eliminado, pois para que se possa lutar contra uma coisa ruim é conveniente que se conheça seu espírito, seu modo de agir e seus padrões.

O veneno fascista

A histeria fascista, característica primordial de seu irracionalismo inato, enxerga o vermelho em toda expressão social, política ou cultural que represente o progressismo axiológico e a luta humana por emancipação perante toda forma de opressão sociopolítica. O fascista não goza e quer impedir que

outrem goze, o fascista faz assim de sua impotência vital o padrão que deve envolver toda a realidade social. O fascista representa uma virulenta expressão de ressentimento contra a existência, pois o ódio é sua energia motivadora. Nesse ponto, a análise nietzschiana é fundamental para compreendermos como o fascista sofre da doença do ressentimento. Obviamente que nem todo ressentido é um fascista, mas todo fascista é um ressentido, além de outras categorizações existenciais:

“Alguém deve ser culpado que eu esteja mal” – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sympathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc.). Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeiras e aparentes prejuÍzos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se de seu próprio veneno de maldade – eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo (NIETZSCHE, 2000, p. 117).

O fascista necessita da criação fabulosa do inimigo, interno ou externo, para chancelar sua forma política da exclusão, e assim promove o ódio como força agregadora de corpos psicopatas que se identificam miseravelmente nessa vida medíocre e infeliz. O fascista teme perder suas garantias sociais diante das pretensas ameaças estrangeiras, e por isso odeia os imigrantes, os refugiados. Tudo fica confuso e turbulento em uma percepção fascista da realidade. No fundo o fascista é uma pessoa mal resolvida fisiologicamente, e sua degeneração orgânica prejudica sua avaliação do mundo, inclusive considerando como degenerados aqueles que pensam de modo divergente e defendem pautas progressistas. Deixado livre, o veneno fascista, em nome de sua doentia lógica da identidade autocentrada que não reconhece os signos da diferença não poupa esforços doentios para eliminar toda expressão de vida. Para Wilhelm Reich,

O fascismo, na sua forma mais pura, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio [...] A mentalidade fascista é a mentalidade do Zé Ninguém, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado (REICH, 2001, p. 18-19).

O dispositivo fascista faz da ignorância sua virtude e, tanto pior, não poupa esforços em impor essa ignorância sobre toda estrutura social. O fascista teme o poder emancipador do conhecimento, e por isso não hesita em atacar pessoas que pensem sem os entraves normativos da moral patriarcal. O fascista não apenas impede o sujeito de se pronunciar, mas também o obriga a falar. O fascista sonha pelo dia em que poderá erigir uma fogueira onde

queimará os autores subversivos e seus livros. Um mundo fascista é um mundo sem escolas, sem universidades, sem bibliotecas, sem livrarias, sem educação, sem cultura, sem professores, sem estudantes, sem produção artística capaz de subverter os critérios tacanhos da normatividade. Um mundo apenas com autômatos que seguem ordens militaristas, que não sintam, que não hesitem no cumprimento dos seus mandamentos heterônomos. Por isso muitos gestores capitalistas apreciam os “métodos científicos de administração”, pois garantem seu poder organizador sobre massas humanas impensantes.

Os fascistas se apropriaram da cruzada macarthista contra o comunismo. Qualquer ação política progressista comprometida com o bem-estar social, mesmo que seja um pálido reformismo que não resolve radicalmente os problemas orgânicos da sociedade capitalista é tachada de comunista. A imbecilidade fascista não consegue compreender que, onde há uma gestão comunista, é impossível que exista qualquer resquício de fascismo, pois esse já estaria completamente destruído. Onde se construiu governos que defenderam as pautas do comunismo, mesmo sem realizá-lo em sua plenitude, os agentes fascistas foram eliminados. Os fascistas são sociopatas histriônicos, alguns são meros agitadores com massa encefálica liquefeita. A tagarelice fascista, portanto, coloca em risco sua própria subsistência ao identificar nas políticas públicas progressistas traços comunistas. Parte da culpa desse processo de distorção axiológica decorre do obscurantismo neoliberal e sua crítica ao intervencionismo estatal na ordem econômica da sociedade, colocando em um mesmo pote os comunistas, os socialistas, os sociais-

democratas, os trabalhistas, os keynesianos, os democratas liberais comprometidos com o progressismo social e, noutro lado, os nazifascistas, sem analisar seriamente todas as diferenças concretas entre todos eles. Para os neoliberais, o grande problema político é saber se a gestão governamental intervém ou não no sistema econômico, o resto não importa. Boaventura de Sousa Santos afirma que

O neoliberalismo e o capital financeiro global são inimigos da democracia, seja de alta, seja de baixa intensidade, e as forças de direita que optarem por seguir os ditames deles terão de optar cada vez mais por políticas antidemocráticas. À medida que a direita se consolidar no poder, a democracia será descaracterizada, a tal ponto que o novo regime político, assim sem nome, será uma nova forma de ditadura sob fachada democrática (SANTOS, 2018, p. 85).

Por isso em sociedades marcadas pelo autoritarismo estrutural encontramos uma fusão bizarra entre liberalismo econômico e conservadorismo (isto é, reacionarismo) social, fusão muito conveniente para o recrudescimento de novos dispositivos fascistas, que prosperam através do esvaziamento do espaço público da democracia e da truculência do mercado apoiada por governos coniventes com a plutocracia elitista e antiprogressista que não hesita em instrumentalizar vidas humanas para obter a consolidação do seu poder. Tal como Bauman argumenta,

A cooperação entre Estado e mercado no capitalismo é a regra; o conflito entre eles, quando acontece, é a exceção. Em geral, as políticas do Estado capitalista, “ditatorial” ou “democrático”, são

construídas e conduzidas no interesse e não contra o interesse dos mercados; seu efeito principal (e intencional, embora não abertamente declarado) é avaliar/permitir/garantir a segurança e a longevidade do domínio do mercado (BAUMAN, 2010, p. 31).

Se em nome do verde e amarelo ufanista se chancela a doença do fascismo, melhor que se banhe no sangue do vermelho, vida comunal da liberdade real. O fascismo é a expressão do anti-humanismo, seus adeptos são inimigos do gênero humano. Muitos reacionários querem fugir da estigmatização política do termo fascista, não se considerando como adeptos dessa postura ideológica. Consideram-se defensores das pautas direitistas mais conservadoras e antissociais, no entanto mesmo assim não aceitam a pecha de fascistas. Podemos então esclarecer: fascista é quem defende o irracionalismo, a exclusão da diferença, a repressão sexual. A truculência gratuita, a militarização social, a intervenção militar, a homofobia, a misoginia, o obscurantismo intelectual. Fascista é quem faz do medo um afeto a ser manipulado para gerar pânico e convulsão social nas massas para que adotem posturas reativas perante qualquer possibilidade de transformação social dos costumes. Fascista é todo aquele que relativa a dignidade dos direitos humanos e que considera a tortura um ato necessário para ratificação da lei e da ordem, lei e ordem que servem de preservação da propriedade privada, conquistada pelos fascistas mediante a apropriação indébita dos bens alheios.

Na história brasileira os fascistas conquistaram bastante proeminência na vigência da Ditadura Militar e seu mecanismo de destruição da incipiente democracia nacional. Em um processo típico de desinformação política, os defensores necrófilos desse regime sanguinário afirmam que os militares visavam estabelecer a ordem contra os terroristas, mas foram os próprios militares que estabeleceram um terrorismo sistemático no Brasil, torturando e assassinando todos aqueles que reconheciam como subversivos ao sistema. Os militares se proclamavam defensores da soberania nacional contra o “imperialismo soviético”, mas foram vilmente financiados pelo capitalismo imperialista ianque. Foram assim os verdadeiros traidores da pátria e devem receber a desonra perpétua, assim como as devidas punições jurídicas por seus crimes antirrepublicanos.

A tolerância é destinada apenas aos que primam pela tolerância, já para os grupos necrófilos que prezam pela destruição e pela apologia da barbárie não é possível estabelecimento de qualquer diálogo, pois eles mesmos não são capazes do diálogo, não são capazes de qualquer razoabilidade racional, são assim reconhecíveis pela humanidade. A afirmação incondicional da tolerância é produtora de um imobilismo incapacitante, pois relativa todas as questões e problemas políticos. Há pontos inegociáveis em qualquer pauta política, e a defesa dos direitos humanos é um deles. Em uma situação idílica poderiam ser deixados de lado e esquecidos pela história, mas como não é esse o caso de nossa ordem concreta da realidade é imprescindível que tais elementos (considerados como doenças virulentas que corroem o organismo social) sejam combatidos e eliminados.

Não se pode enfrentar a barbárie fascista com flores.

Os partidos direitistas, mesmos os que apresentam razoável distanciamento do espírito reacionário do fascismo, são fisiologistas, clientelistas, antirrepublicanos (apesar de seu propalado republicanismo). São defensores de interesses corporativos, empresariais, plutocráticos, elitistas. Esses partidos manipulam o eleitorado e dele arrancam seus votos para, ao fim e ao cabo, defenderem pautas antissociais. São agências de capitalização de recursos, comitês de gerenciamento dos negócios plutocráticos. Por isso usualmente se envolvem em problemas de corrupção, pois não são comprometidos com a democracia autêntica e sua inerente atuação em prol da sociedade. Nesse contexto, a argumentação de Boaventura de Sousa Santos esclarece perfeitamente essa questão:

A democracia, enquanto gramática social e acordo de convivência cidadã, desaparece para dar lugar à democracia instrumental, a democracia tolerada enquanto serve aos interesses de quem tem poder econômico e social para tanto (SANTOS, 2016, p. 22).

Para os partidos direitistas é muito mais fácil estabelecerem alianças espúrias, pois visam apenas absorver fatias do poder e as benesses financeiras dela decorrentes, mesmo que para tanto tenham que aniquilar qualquer senso de dignidade e de coerência política. Os partidos direitistas são agentes ideológicos, pois mascaram suas verdadeiras intenções políticas ao se revestirem de nomes garbosos que no fundo nada representam na prática, atuando como agentes de capitalização de recursos que beneficiam sua máquina

criminosa. Não são humanistas, não são regidos pelos princípios da solidariedade, não são democráticos, não são republicanos. Sequer são “cristãos”, como muitos dos seus partidários apregoam hipocritamente.

O fascismo insufla nas massas o nihilismo político, fazendo crer que o sistema atual vigente no establishment brasileiro não é capaz de satisfazer aos anseios concretos do homem comum, o “cidadão de bem”, e que por isso é imprescindível que uma figura autoritária contrária ao establishment convencional seja eleita para dar fim ao dito caos institucional nacional. A mitificação é um fenômeno do irracionalismo da política, na qual se deposita confiança cega em um político por sua pretensa capacidade de se contrapor ao bom senso e fazer da loucura sua arma para vencer os seus adversários, considerados como inimigos figadais. Quem não é a favor é contra e assim deve ser eliminado. Essa canalhice é muito perigosa para a organização democrática do país, pois atira em um mesmo recipiente todos os quadros políticos em ação, sem estabelecer genuínos critérios de credibilidade. Conforme argumenta Naomi Klein, “a política odeia o vácuo; se ele não é preenchido com esperança, alguém vai preenchê-lo com medo” (KLEIN, 2017, p. 130).

Para essa massa triste e desesperançada, não se reconhece qualquer representatividade na estrutura política vigente. Apesar de que a maioria dos membros do executivo e do legislativo (em escala regional, estadual e federal) são alheios aos fundamentos republicanos, podemos encontrar políticos comprometidos com a realização do bem comum no espectro da esquerda, e tal afirmação, ousada

para as consciências seráficas, não pode deixar de ser pronunciada por um respeito idiotizado ao formalismo moral. Apesar da hegemonia direitista na estrutura política brasileira em seu desgoverno temerário, os partidos alinhados a esse espectro não apresentam qualquer capacidade ou poder de empreender meios concretos de realização do progresso democrático brasileiro. Apenas a esquerda se encontra em condições de apresentar uma pauta política emancipatória, capaz de enfrentar o avanço do fascismo e do autoritarismo do servo-mercado que dobra o poder governamental ao imperativo empresarial, fazendo uso da estrutura estatal como máquina repressiva sobre todos aqueles que se contrapõem ao processo corruptor imposto por esse conluio plutocrático. Estamos na vigência do Estado Pós-Democrático, que se caracteriza pela absorção violenta das instituições públicas pelas forças obscuras do mercado, que não hesita em impor o regime da morte aos que não são economicamente viáveis para os seus imperativos absolutos de rentabilidade. De acordo com Rubens Casara,

No Estado Pós-Democrático, o que importa é assegurar os interesses do mercado e da livre circulação do capital e das mercadorias, com o controle ou mesmo a exclusão dos indivíduos disfuncionais, despidos de valor de uso ou inimigos políticos [...] O Estado Pós-Democrático é um modelo tendencialmente omissivo no campo do Bem-Estar Social, mas necessariamente forte na contenção dos indesejáveis, sejam eles a camada da população incapaz de produzir ou consumir, sejam eles os inimigos políticos daqueles que detêm o poder político e/ou

econômico (CASARA, 2017, p. 133; p. 184-185).

A pretensa neutralidade do Estado (narrativa ideológica elaborada para estabelecer sua legitimidade moral sobre a sociedade) jamais existiu, uma vez que os interesses privados se superpõem em relação aos interesses públicos. Segundo Gilberto Dupas,

O Estado e/ou a empresa abandonam o relato de legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa ou humanista para justificar a nova disputa no único discurso aceito pelos financiadores do mundo pós-moderno: a busca do lucro e do poder (DUPAS, 2011, p. 116-117).

Qualquer proposta piedosa de conciliação de classes é leviana e conveniente com a barbárie institucionalizada. Muitos pecados políticos são cometidos em nome da conciliação partidária quando não há entre os associados efetivo comprometimento de transformação das bases socioeconômicas do Brasil. Por isso pouca atenção dedicamos aqui ao centro, no fundo um depósito heteróclito de partidos desprovidos de diretrizes definidas e que se associam ao poder vigente conforme as conveniências, favorecendo então muito mais aos interesses antidemocráticos dos partidos de direita mais conservadores. O centrismo, conforme sua configuração ideológica originária, não se realiza de maneira alguma na dinâmica política brasileira, pois manifesta distanciamento das pautas libertárias da esquerda, mas flerta abertamente com as diretrizes mercadológicas dos padrões burgueses de adequação parlamentar aos ideais elitistas do empresariado, do agronegócio e afins. Com uma certa

licença argumentativa, podemos afirmar que os partidos de centro são os agentes políticos da lumpenburguesia brasileira, inclusive contendo inúmeros criminosos contumazes de alta periculosidade. O “cidadão de bem” vocifera que “bandido bom é bandido morto” ao se referir ao criminoso comum que ao cometer o seu delito prejudica a um, dois ou três pessoas, enquanto o bandido parlamentar, corrupto, subornável, apropriador dos bens públicos, prejudica milhões de pessoas, indiscriminadamente, mas cujos crimes são mais tolerados pelo senso comum, não obstante seus efeitos deletérios sobre o todo social.

A necessidade de unidade política da esquerda

Nos encontramos no modus operandi da organização política brasileira sob os parâmetros da democracia parlamentar, então é inevitável que os partidos de esquerda fortaleçam sua capacidade de atuação nesse setor para a transformação progressiva do sistema legislativo, sem descuidar, obviamente, do engajamento não apenas nos sindicatos, mas acima de tudo nas bases populares descentralizadas, nos coletivos, nas comunidades de base, nos assentamentos rurais, que são as verdadeiras estruturas vitais do ofício político regido pelo senso democrático de representatividade. A ação emancipatória de um partido de esquerda deve conciliar a sua força parlamentar com a força plástica das ruas tomadas pelos coletivos multitudinários, concretizando assim a práxis política que unifica os diversos segmentos sociais. De acordo com Vladimir Safatle,

Estamos muito acostumados com a ideia de que a democracia realiza-se

naturalmente como democracia parlamentar. Isso, no entanto, é falso. Uma esquerda que não tem medo de dizer seu nome deve falar com clareza que sua agenda consiste em superar a democracia parlamentar pela pulverização de mecanismos de poder de participação popular direta (SAFATLE, 2012, p. 51).

Os partidos antirrepublicanos de direita apenas manipulam os anseios das massas para, após as vitórias eleitorais, abandonarem-nas desavergonhadamente ao descaso social e deixando-as submetidas ao arbítrio violento de grupos paraestatais, enquanto os partidos de esquerda, comprometidos com a emancipação social perante as estruturas opressivas impostas pela dominação plutocrática do status quo, pressupõem esse diálogo sincero com os diversos segmentos sociais que lutam por empoderamento político e a consequentemente transformação radical da coisa pública, não apenas para se adequarem profissionalmente ao mercado de trabalho capitalista. Paul Singer argumenta que

A hegemonia burguesa é garantida no capitalismo não só pela violência organizada do Estado mas pelo contínuo condicionamento da maioria do povo a permanecer passiva e a esperar que “os de cima” resolvam seus problemas. Quebrar essa hegemonia requer, antes de mais nada, desfazer este condicionamento, capacitando os trabalhadores a intervir ativamente nas decisões que os afetem (SINGER, 2017, p. 56).

Os partidos de esquerda, quando desprovidos dos vícios burocráticos que usualmente afligem as agremiações acomodadas aos benefícios do mundo parlamentar, são capazes de atuar em

defesa dos interesses sociais sem fisiologismos degradantes, por isso se caracterizam por um intenso nível de purismo axiológico, circunstância extremamente positiva, pois evidencia claramente qual o seu objetivo político e suas estratégias concretas de atuação para a mudança positiva da sociedade. Os partidos direitistas facilmente traem as causas populares pois são empresas de capitalização e gerenciamento dos negócios elitistas. Quando os partidos de esquerda se desviam de sua meta política emancipadora o prejuízo político é muito maior, pois perdem credibilidade perante o eleitorado e geram a sensação de anomia e de apatia perante a crise institucional do país. A esquerda é a verdadeira guardiã da democracia radical, capaz de expressar e de representar convenientemente a luta popular pela liberdade perante a dominação do sistema burguês, tacanho e embrutecedor. O projeto político da esquerda é de rigor e não pode tergiversar acerca de seu papel vanguardista no progresso da sociedade. Aqui se manifesta uma reconfiguração da noção de “revolução permanente”, disposição fundamental para o ativista de esquerda, pois o impede de descansar após uma conquista política para a causa democrática. Na luta contra a barbárie fascista é fundamental que se some esforço após esforço, daí a importância tática da disciplina. Muitas vezes o purismo axiológico tal como acima destacado adquire tons extremamente radicais que geram agrupamentos políticos isolados entre as diversas legendas partidárias, fragmentando a potência da esquerda em substâncias dispersas, que não raro são incapazes de realizar qualquer diálogo substantivo entre si.

Em tempos de exceção política, na qual as frágeis garantias democráticas são violadas pelas estruturas elitistas do poder, é conveniente que se estabeleça uma comunhão entre todos os efetivos partidos de esquerda, comprometidos com as causas dos direitos garantidos pelos trabalhadores (da indústria, do comércio, dos serviços, da educação, da agropecuária) após lutas mortais contra o arbítrio patronal, dos direitos humanos como parâmetros inalienáveis, da concretização de uma cidadania irrestrita mediante a democratização do sistema jurídico, do fornecimento de saúde pública de qualidade, da luta antirracismo, das causas ambientalistas, da defesa da dignidade da comunidade LGBTTT, da defesa dos imigrantes contra qualquer dispositivo xenofóbico, da afirmação dos direitos civis das mulheres, dos sem-terra e dos sem-teto mediante reforma agrária e reforma urbana e inerente expropriação de latifúndios e de terrenos desocupados, dos povos indígenas, dos favelados, dos quilombolas, da igualdade e da justiça social, da educação universal, da tributação das grandes fortunas e da distribuição justa de renda, do controle rigoroso das atividades bancárias, da regulação democrática dos meios de comunicação de massa, da defesa da soberania nacional perante as insurgências imperialistas de nações e de empresas.

Nesse grande rol de demandas sociais urgentes não esquecemos do problema da segurança pública, precária nos tempos de cisão social de nosso capitalismo predatório. Somente podemos concretizar uma gestão eficiente de segurança pública mediante a aplicação de todas as medidas destacadas acima, gerando também a inerente desmilitarização das

corporações policiais, que somente com a democratização completa da estrutura social brasileira perderia o seu caráter reativo e repressivo contra os focos do crime para adquirir um estatuto comunitário de cooperação solidária com a ordem e a paz social. A grande luta atual da esquerda contra a barbárie fascista não pode se fundamentar, nesse momento de crise democrática, na teoria comunista marxista da dissolução do Estado, pois para que o mesmo seja extinto é imprescindível primeiramente uma revolução mundial que dissolva a configuração vigente das nações e seus paradigmas identitários. O momento presente exige que o outrora dito Estado Democrático de Direito no Brasil (na verdade um Estado Plutocrático, pois ao serviço do capitalismo espoliativo) seja realmente democratizado em sua organicidade, perdendo sua disposição favorável aos interesses das classes dominantes, e se torne uma estrutura social horizontalizada, um Estado que representa a soberania da população em sua multiplicidade e diversidade, promovendo assim medidas públicas que estabeleçam a autonomia e a emancipação de cada pessoa para além dos critérios utilitaristas do regime capitalista. A democracia brasileira está em liquefação, mas a aplicação da agenda da esquerda poderá revitalizar o espaço social da pluralidade e do bem-comum. Antes de pensarmos na dissolução da estrutura do Estado é necessário que primeiramente o transformemos como um organismo dinâmico que represente os anseios multitudinários da sociedade. Tal como exposto por Boaventura de Sousa Santos, “o Estado é um animal estranho – meio, meio monstro -, mas, sem ele, muitos outros monstros andariam à solta, insaciáveis à cata de anjos

indefesos. Melhor Estado sempre; menos Estado, nunca” (SANTOS, 2016, p. 174).

É evidente que as pautas políticas da esquerda são amplas e totalmente compatíveis com a democracia radical, ao contrário do ideário direitista que instrumentaliza o eleitor para fins escusos. Não obstante todas as divergências políticas existentes entre os partidos de esquerda do Brasil, o compromisso maior contra o totalitarismo destrutivo do mercado associado ao reacionarismo fascista antidemocrático e antirrepublicano deve ser o elemento agregador de todos esses segmentos progressistas. Se a esquerda ascende ao poder executivo, tanto melhor, mas sua estratégia de luta social necessita focar no fortalecimento das bases parlamentares dos municípios e estados, para que se tornem um escudo democrático contra o golpismo tão caro aos partidos imersos no clientelismo corruptivo e suas táticas antirrepublicanas de sabotagem contra o bem comum e a soberania popular. Segundo Boaventura de Sousa Santos,

Sua ação deve consistir na defesa da dignidade dos seres humanos e da natureza por via da radicalização da democracia, uma democracia de alta intensidade, necessariamente pós-liberal. Será um processo histórico longo, caracterizado por um dos princípios-guia: revolucionar a democracia e democratizar a revolução (SANTOS, 2018, p. 83-84)

No contexto da exaltação descarada do fascismo como regra social, talvez fosse mais conveniente a adoção de um posicionamento pragmático de aliança pela conquista do poder executivo e uma descentralização na luta pelas vagas eleitorais no poder legislativo.

Uma base múltipla fortalecendo o vértice da pirâmide em uma aliança democrática centralizadora. O momento calamitoso de expansão do horror fascista exige união parlamentar dos partidos de esquerda, ainda que seus conteúdos programáticos apresentem divergências. Segundo István Mészáros,

A derrubada ou abolição de algumas instituições em situações históricas específicas é um primeiro passo necessário. Atos políticos radicais são necessários a fim de eliminar um tipo de pessoal e possibilitar o surgimento de alguma outra coisa em seu lugar. Mas o objetivo tem de ser um processo profundo de contínua transformação social. E, nesse sentido, o conceito de revolução se mantém absolutamente fundamental (MÉSZÁROS, 2007, p. 80).

Em contraponto ao oportunismo antidemocrático dos partidos direitistas apólogos das causas elitistas e dos centristas que flertam com quem apresenta maiores vantagens pecuniárias em acordos obscurantistas, os partidos de esquerda expressam a luta social pela democracia genuína, a que defende a autonomia e a emancipação de cada grupo político para além da lógica necrófila do mercado, que só reconhece como cidadão os potenciais consumidores, e que só concede provisória dignidade humana para aqueles que se submetem ao crivo do trabalho alienado. O mercado deve servir ao homem e não o homem ao mercado.

Considerações finais

A política temerária de depreciação das instituições democráticas, conforme apresentado no decorrer desse texto, deu vazão a um espírito reacionário direitista imbecilizante e truculento, que

encontra em qualquer expressão política de esquerda um inimigo mortal. Essa massa fascista instrumentalizada pela demagogia de parlamentares das bancadas da bala, do boi e da bíblia só consegue identificar os erros políticos cometidos pelos partidos de esquerda, mas cerram os olhos para os seus crimes muito mais graves para a democracia brasileira, seja a horrenda legitimação dos crimes do regime militar que tanto sonham em restaurar em nome de seu deus necrófilo, da pátria excludente e da família biparental, seja a espoliação da coisa pública brasileira para satisfação de banqueiros, rentistas, acionistas globalizados. A massa reacionária brasileira necessita passar por um processo de reeducação social, e tal função pedagógica poderá ser efetivado com maestria pela unidade política da esquerda ao revitalizar a consciência social de cada pessoa atomizada que, no entanto, luta por reconhecimento e dignidade em uma ordem republicana produtora de tanto horror e miséria. O que move o espectro político da direita é a atração libidinal pelo dinheiro e o ódio ao progresso social, o que move o espectro político da esquerda é o amor pela vida livre de qualquer forma de dominação social. O horror fascista mostra sua face asquerosa, mas essa imagem escabrosa não pode amedrontar o militante da esquerda que visa ratificar a justiça, a igualdade e a liberdade como paradigmas de uma vida política sem opressão. Considera-se que a esquerda brasileira, perante o reflorescimento da direita bruta e primitiva, se encontra na encruzilhada e que seu futuro está em risco. Se a esquerda brasileira está na encruzilhada, tanto melhor, pois a encruzilhada representa a abertura de caminhos e, para tanto, exige coragem para enfrentar

os desafios do porvir. Democracia radical ou barbárie.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- CASARA, Rubens R.R. **Estado Pós-Democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- KLEIN, Naomi. **Não basta dizer não: resistir à nova política de choque e conquistar o mundo do qual precisamos**. Trad. de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o Socialismo no século XXI**. Trad. de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. Trad. de Mônica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Trad. de Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SAFATLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- _____. **Esquerdas do mundo, uni-vos!** São Paulo: Boitempo, 2018.
- SINGER, Paul. **Urbanização e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2017.

Recebido em 2018-06-01
Publicado em 2018-06-20